

XIV JORNADAS DA EBP
SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM
TU
DEVES...

#05



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

OBRA FRATURA - FERNANDA LEAL

TU DEVES...

SUMÁRIO

- 3 ... espiar o editorial
- 5 ... ler sobre a ferocidade do supereu
- 10 ... ler sobre empuxo-à-gozar da vida
- 16 ... ler considerações sobre arte: Still Life e After Party e Canção para ninar menino grande
- 24 ... ver filmes
- 28 ... se preparar para a Livraria!
- 30 ... buscar referências
- 37 ... abrir essa carta e aceitar nosso convite
- 38 ... propor o seu trabalho
- 40 ... colocar a voz e o corpo na pista
- 42 ... garantir sua inscrição
- 43 ... conhecer a diretoria e as comissões organizadoras

... espiar o editorial

Camila Popadiuk

Membro EBP/AMP

Coordenadora geral das XIV Jornadas
da EBP-SP – Bem-feito, supereu!

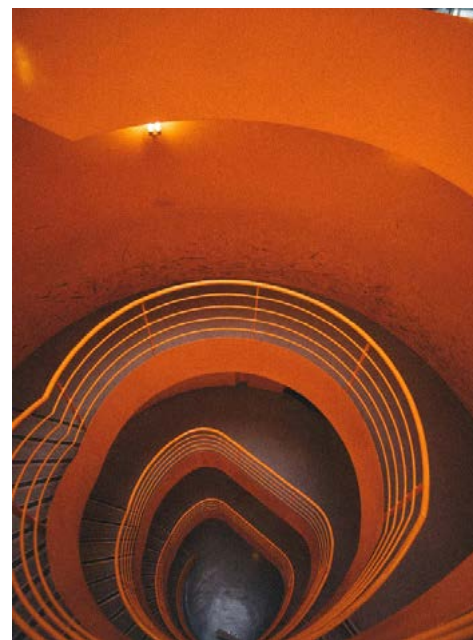


Imagem: (maxime lebrun_unsplash.com)

Essa é a penúltima edição do Boletim *Tu debes...* e a última em que o leitor encontrará textos epistêmicos sobre o supereu, que servirão como fontes de inspiração para a escrita de trabalhos para a Jornada Clínica. Portanto, não custa lembrar: **12 de setembro** é o prazo final para o envio de trabalhos!

Os dois primeiros textos desta edição, de Patrick Almeida e Gustavo Menezes, dialogam muito bem entre si e compartilham um ponto em comum: a ferocidade ou gulodice do supereu como imperativo de gozo, articulado à voz como objeto *a* e à repetição. Cada autor, à sua maneira, interroga os efeitos do discurso contemporâneo, que alimenta o circuito de gozo por meio da proliferação dos objetos. Eles enfatizam que a psicanálise, como uma prática clínica sustentada pelo desejo do analista e por seu ato, introduz um limite, uma separação, abrindo espaço para a invenção e para o desejo.

Ana Sofia Guerra e Cytnhia Gonçalves Gindro interrogam se as naturezas-mortas, sobretudo, as obras *Still Life* e *After Party*, de Wolfgang Tillmans podem transmitir algo do supereu hoje. São obras em que os restos e o acúmulo de objetos apontam para a repetição insaciável do gozo. As autoras afirmam que a injunção superegoica não desaparece com a queda dos ideais. Muito pelo contrário, ela retorna sob novas formas, impondo modos de gozar, de ser livre e de ser único.

A partir de *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, Edgley Duarte de Lima articula o amor e o supereu, indicando como nesta obra, a identificação aos imperativos da virilidade sustenta um gozo solitário e mortífero, que empurra o sujeito à repetição e o afasta do desejo. Em contrapartida, o

amor, em sua dimensão contingente, surge como uma possibilidade de furar esse comando e inventar um bem-fazer com o gozo singular.

Na rubrica *Tu debes... assistir*, Teresinha N. M. Prado faz uma leitura do filme *A noiva* a partir da dimensão paradoxal e mortífera do supereu, encarnado na voz furiosa de Mary Shelley, que incita Ida à revolta e ao sacrifício. Assim, aquilo que se apresenta como um imperativo de libertação se transforma em submissão a uma voz obscena e destrutiva, apoderando-se do corpo e da vontade da personagem. A divisão entre Mary e Ida coloca em evidência uma agressividade voltada contra o próprio eu, característica do supereu, o qual empurra o sujeito para além do princípio do prazer.

Por sua vez, Eduardo Marchesan destaca o paradoxo presente na produção do filme *A Odisseia*, de Nolan. O diretor fez um esforço para recuperar uma dimensão própria do cinema que é a captura da realidade pela câmera, em oposição ao uso predominante de efeitos digitais. Mas, ao mesmo tempo que ele busca uma relação mais direta com o real, o filme se afasta do objeto que o inspira, transformando a *Odisseia* em uma releitura contemporânea. Assim, quanto mais o filme busca capturar a realidade, mais ele perde de vista a Odisseia de Homero.

Nessa edição, Camila Morelli, da Comissão de Livraria, anuncia algumas seleções de livros e revistas do Campo Freudiano que estarão à venda na Livraria das Jornadas. Já faça sua listinha e, na hora, é só fazer um PIX!

A Comissão de Referências Bibliográficas fez uma seleção apurada relativa ao Eixo 3 – Paradoxos do Goze! na cultura, abordando a relação entre os S1 singulares de um sujeito e aqueles oferecidos pela cultura. Sirvam-se dessas referências como apoio para a escrita dos trabalhos. E, mais uma vez, o prazo para o envio de trabalho é até 12 de setembro!

A Comissão de Acolhimento e Festa apresenta o delicioso cardápio da Festa *Cante com Sade*. Tem comidinha de boteco, pratos principias e uma diversidade de bebidas para acompanhar a dança, o canto e o papo. Confira nosso cardápio e compre logo seu ingresso. **As vagas são limitadas!**

Uma ótima leitura!

... ler sobre a ferocidade do supereu

Tu debes... gozar! A ferocidade do supereu na era dos objetos

Patrick Almeida
Membro ECF/AMP



Imagem: (andrea de santis_unsplash)

No tumulto da sociedade dos objetos, a ferocidade do supereu ganha uma nova ressonância. Ela não se deixa reduzir à figura de uma instância moral ou de um “juiz interior”. Na clínica contemporânea, o supereu se faz ouvir como uma voz — íntima e estrangeira ao mesmo tempo, às vezes anônima — que comanda, oprime, desencadeia e encontra, na proliferação dos objetos, um terreno privilegiado.

Não se trata apenas de um supereu que interdita. Trata-se de um supereu que empurra, exige, precipita. À medida que a voz do “tu debes” se desloca para o imperativo “goza!”, o supereu se revela menos como limite do que como parceiro da pulsão.

Do “tu debes” ao “goza!”: o supereu como comando de gozo

Aprendemos frequentemente a situar o supereu do lado da interdição, da culpabilidade, da Lei. Freud o introduz como herdeiro do complexo de Édipo¹: uma instância que vigia, julga e condena. Mas Freud

1 FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 60.

acrescenta algo mais inquietante ainda: o supereu não é apenas guardião da moral; ele mantém uma ligação íntima com a pulsão, até o ponto de poder tornar-se uma pura cultura da pulsão de morte². Não se trata, portanto, de uma instância “razoável”. Ao contrário, é aquilo que torna a exigência insensata.

Lacan é categórico: o supereu não é, antes de tudo, uma ética. Ele está correlacionado ao objeto *a* — mais precisamente, ao objeto voz³. Uma voz que não se dirige ao sujeito para esclarecê-lo, mas para oprimir-lo. Uma voz que comanda e que, paradoxalmente, se torna mais exigente quanto mais o sujeito obedece. Daí a fórmula: *Goza!*⁴ Trata-se da própria lógica do supereu quando o limite simbólico se desfaz. Quanto mais o sujeito busca estar “à altura”, mais ele é intimado a pagar — pagar em gozo, em sacrifício, em repetição.

É nesse ponto que a referência de Miller, em Granada, em 1989, quando fala de “*Uma ética sem supereu*”⁵, é preciosa: ele retoma Freud⁶ nesse paradoxo segundo o qual cada renúncia alimenta o supereu⁷. Quanto mais se renuncia, mais a voz se torna exigente. Em outras palavras, a vontade moral só aparentemente se opõe à vontade de gozo. O supereu é uma maneira de gozar: um gozo da culpa, da interdição, da queixa, do sacrifício, às vezes do infortúnio. E talvez seja uma das piores formas de gozo, justamente porque se apresenta como “bem”.

A via do supereu passa pela voz enquanto objeto *a*

Gostaria de insistir nesse ponto, pois ele toca diretamente a clínica: o supereu não opera apenas por significações — “você fez mal” —, mas por um dizer que se impõe. Isto é, por uma frase, um tom, um veredito. É aí que Lacan pode articular o supereu ao objeto *a* voz: a pulsão invocante, a voz como resto, como pedaço real, como comando que se imprime, que se inscreve no corpo⁸.

É também isso que torna a coisa tão feroz: essa voz pode ser vivida como estranha ao sujeito e, ao mesmo tempo, como o que lhe é mais íntimo — aquilo que Lacan chama de *extimidade*⁹. O supereu não é um debate interior; é, frequentemente, uma aliança entre o supereu e a pulsão, na repetição. O sujeito não apenas se queixa: ele se vê intimado, assediado, esmagado, por vezes humilhado por dentro — “tu deves”, “tu não és nada”, “tu vais pagar”, “ainda”, “sempre”.

O tumulto contemporâneo: objetos, telas, gadgets e supereu “capitalista”

No tumulto da sociedade dos objetos, a mutação se evidencia rapidamente. Não estamos mais apenas em uma civilização que distribuía interditos e na qual o sujeito vinha, de certo modo, “pleitear o direito

2 Cf. FREUD, S. O Eu e o Id (1923), *Op. Cit.*, p.68.

3 LACAN, J. O Seminário, livro 10: *A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 301.

4 LACAN, J. O Seminário, livro 20: *Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 11.

5 MILLER, J.-A. *Une éthique sans surmoi*. Conferência de Granada, 24 de novembro de 1989. Disponível na série *Les conférences de Grenade*, Lacan Web Télévision : <https://youtu.be/gZ6gnvUJ6h4>

6 FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 97-99.

7 Cf. MILLER, J.-A. Clinique du surmoi. In: *Mental*. Revue Internationale de Psychanalyse, n. 50, Gourmandise du surmoi, Paris, novembre 2024, p. 19.

8 LACAN, J. O Seminário, livro 16: *De um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 250. “É impossível conceber a função do supereu sem compreender o que acontece com a função do objeto *a* efetivada pela voz como suporte da articulação significativa, a voz pura, tal como é instaurada [...] no lugar do Outro [...]”.

9 LACAN, J. O Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 169.

ao gozo". Estamos em um regime no qual o objeto está por toda parte: disponível, promissor, substituível. E esse objeto não é neutro: não é apenas um objeto útil, mas um objeto que conecta o gozo.

A fórmula de Lacan sobre a ascensão do objeto *a* ao zênite social¹⁰ torna-se, aqui, uma chave clínica: o objeto causa de gozo circula, prolifera, miniaturiza-se, torna-se disponível, oferece-se como "solução". E, nessa oferta, a voz do supereu se conecta perfeitamente: "aproveite" — *Enjoy Coca-Cola!* —, "otimize", "não perca nada", "esteja à altura", "responda", "consuma", "prove". Nesse mundo, o supereu não se contenta em interditar: ele empurra, excita, relança, assedia — e encontra nos objetos, telas, redes, pornografia, substâncias, jogos, compras, alimentação, performance, carreiras já traçadas para a pulsão.

Podemos dizê-lo de modo simples: o supereu contemporâneo não precisa inventar cenários complicados; a civilização lhe fornece objetos padronizados para conectar a pulsão. E o objeto não acalma: ele relança. A satisfação se paga com uma insatisfação aumentada. Daí a ferocidade: o supereu torna-se parceiro da pulsão em um ciclo curto, iterativo, compulsivo.

Nesse ponto, parece-me útil nomear uma virada que não é apenas clínica, mas também discursiva: passou-se, historicamente, da figura do "toxicômano" — figura ainda indexada à "saúde mental", marginal, localizável — à figura do "consumidor", figura do mercado, potencialmente universal: consumidores de produtos, de imagens, de sexo, de jogos, de conexões, de cuidados, por vezes até mesmo de "bem-estar". A droga, então, já não é apenas uma substância: ela gera um mercado, com sua lógica própria — fidelizar, tornar cativo, tornar o objeto sempre disponível. E essa lógica transborda amplamente o campo dos produtos ilícitos: o "consumidor" pode se conectar a qualquer produto, lícito ou ilícito, desde que ele esteja pronto para conectar a pulsão. Dito de outra maneira, o discurso contemporâneo fabrica, ao mesmo tempo, objetos e "sujeitos-consumidores" — ou, mais precisamente, "consumidores-assujeitados".

Nessa perspectiva, aquilo que chamamos de "consumir" não remete apenas a uma conduta: é uma resposta à inconsistência do Outro. O objeto se oferece como parceiro silencioso, disponível, fiel, ali onde o laço ao Outro falante se torna custoso demais, decepcionante demais, incerto demais. É por isso que o supereu contemporâneo encontra aí um terreno ideal: ele não vem apenas "interditar"; ele se conecta ao objeto e comanda — goze, recomece, prove. Não é apenas a multiplicação dos objetos que faz tumulto, mas o modo como eles se tornam suportes prontos para o uso da ordem superegoica.

Isso esclarece também, de maneira muito concreta, uma dificuldade de nossa clínica: para muitos sujeitos, o objeto não é vivido, inicialmente, como um sintoma, mas como uma solução. Uma solução para o mal-estar, para o vazio, para a angústia, para a insônia, para a inexistência da relação sexual¹¹. É isso que torna o trabalho, por vezes, árduo: o sujeito não vem necessariamente pedir para se "curar"; muitas vezes, ele vem pedir uma "regulagem" — consumir menos, não perder seu lugar, não ser expulso do laço social, conseguir se manter minimamente no mundo.

A partir daí, o desafio não é erradicar o consumo como tal — ilusão moralizante —, mas deslocar o sujeito da solução para o sintoma, reintroduzir o laço e um lugar para o enigma, um lugar para um *x*. Trata-se de fazer com que o objeto deixe de ser, por assim dizer, "a pessoa", e volte a ser uma montagem, um arranjo, algo com o qual o sujeito possa fazer de outro modo que não pela via de sua servidão ao objeto. Trata-se de reabrir o lugar da falta, não como déficit a reparar, mas como motor, para que o objeto deixe de ser um destino.

10 LACAN, J. Radiofonia (1970). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 411.

11 LACAN, J. O Seminário, livro 20: *Mais, ainda* (1972-1973), *Op. Cit.*

O ato analítico à prova do contemporâneo: introduzir uma distância

A partir daí, uma questão se coloca para nós: o que fazer com um sujeito já desencantado? Um sujeito que já não acredita na palavra, que já não supõe um Outro que responda, e que chega, por vezes, com um gozo já encistado na adicção, no *acting-out*, na passagem ao ato, na repetição acéfala.

Proponho uma bússola: o ato analítico não visa restaurar uma ordem perdida, nem recolocar ideais no lugar dos ideais desmoronados. Ele visa, antes, abrir uma distância. Uma aeração, uma *a*-eração. Uma respiração. Algo que afrouxe o domínio do comando superegoico — não a partir de uma posição moralista, do tipo “é preciso parar com isso”, mas tornando possível um deslocamento: que o sujeito deixe de estar colado ao objeto, colado à voz, colado à repetição.

Em outras palavras: no império do mais-de-gozar, o ato analítico pode funcionar como um operador de separação. Não necessariamente pela via do sentido — pois o sentido pode girar em falso —, mas por uma pontuação, um corte, uma intervenção que descole o sujeito da certeza superegoica e lhe devolva alguma margem de manobra. O analista, aqui, não comanda um ideal; ele consente, por vezes, em uma posição mais desnudada, mais “multifuncional”, na medida em que ocupa um lugar de semblante de objeto — objeto multifuncional, como indicou Jacques-Alain Miller¹² —, sem querer o bem do sujeito, mas sustentando que algo possa se dizer, se Bem-Dizer, se localizar, se limitar.

Vinheta clínica — a voz como veredito, o objeto como carreira de gozo

Tomo uma vinheta clínica, pois é aí que a questão do supereu como voz se torna mais nítida.

Recebo uma jovem de 26 anos, após várias hospitalizações e duas tentativas de suicídio por intoxicação medicamentosa. Ela chega com uma constelação de sintomas: adicções, condutas de risco, transtorno alimentar severo, exposição sexual perigosa, e uma frase repetida — como um refrão: “estou no limite da minha vida”.

Seu ponto de fixação subjetiva é uma frase paterna. Uma frase dita no álcool, dita na violência, mas que se imprimiu como um veredito: “a gente te recolheu no meio dos mortos”. O detalhe narrativo importa menos do que a estrutura: não se trata de uma história, mas de uma voz. Uma voz que a fixa entre a vida e a morte, e que relança uma lógica de queda: estar sempre por um fio, beirar o desaparecimento, buscar o excesso, como se o gozo fosse o único modo possível de existência — e como se a morte fosse o horizonte lógico dessa voz.

Aí se vê a ferocidade do supereu: não um interdito, mas um comando paradoxal — o que, aliás, mostra a disjunção fundamental entre o supereu e o Nome-do-Pai {supereu // NP}. Um comando que empurra a um gozo sem limite e que, em certos momentos, realiza-se no corpo — até a passagem ao ato suicida. Vê-se também como a sociedade dos objetos oferece suas carreiras: substâncias, sexo, medicamentos, tudo aquilo que promete “fazer calar” a voz ou satisfazê-la — mas que, na realidade, relança a compulsão.

No manejo da transferência, o que conta não é produzir uma grande explicação. Trata-se, antes, de fazer existir uma borda: localizar o que essa voz comanda, como ela abole toda temporização, como ela cola o sujeito a uma lógica de destino. Às vezes, o ato analítico é elementar e lógico: não entrar em cumplicidade com o “lado obscuro”, não validar o excesso como horizonte, sustentar uma firmeza sóbria. Uma

frase sustentada, uma recusa em tomar o gozo como “fatalidade”, pode valer mais do que uma interpretação rebuscada.

Nesse caso, uma invenção teve importância: uma prática — a equitação — que lhe impõe um ritmo, uma cadência, um limite; e que lhe permite experimentar outra coisa que não um gozo de excesso: um modo de se manter. Manter-se ereta, não cair, respeitar uma cadência. Não digo que “o cavalo cura”. Digo que uma atividade pode tornar-se uma compensação, talvez uma suplência, quando recoloca uma borda ali onde a voz empurra ao sem-borda. A questão, aí, não é apenas “reduzir sintomas”, mas deslocar o gozo para fora da “carreira” superegoica, em direção a um modo de vida mais habitável.

Conclusão — da voz que comanda ao ato que separa

Retomando o eixo deste texto: se a angústia nos indica que um objeto irrompe ali onde um vazio deveria operar, o supereu, por sua vez, pode ser compreendido como aquilo que preenche esse vazio por uma voz que comanda. O contemporâneo acrescenta uma complicação: a sociedade dos objetos coloca à disposição suportes imediatos para que esse comando se traduza rapidamente em satisfação pulsional, em repetição, em passagem ao ato.

Diante disso, o ato analítico não é uma repreensão. Ele é, no melhor dos casos, uma operação de separação: introduzir uma distância ali onde a voz está colada ao corpo do falasser; reintroduzir tempo ali onde tudo empurra ao imediato; restituir um vazio operatório ali onde o objeto vem tamponar; reinjetar responsabilidade ali onde o sujeito se vive como puro executante do comando.

Dito de outra maneira, trata-se de descomprimir a ferocidade do supereu, não suprimindo o gozo, mas permitindo ao sujeito não ser mais seu simples joguete — e, quando possível, encontrar um modo de gozo menos tirânico, mais singular e menos devastador.

... ler sobre empuxo-à- gozar da vida

Da gulodice ao gosto de viver

Gustavo Menezes

Membro EBP/AMP

Participante da Comissão de Boletim das XIV Jornadas EBP-SP



Imagem: (alexandra nicolae_unsplash)

A psicanálise nos ensina que o sujeito não busca necessariamente seu próprio bem, que há uma divisão “contra si mesmo”¹. É a presença da pulsão de morte manifestada como supereu e que o analista atesta como inerente à experiência psicanalítica. Enquanto lei insensata, o supereu comporta um furo, isto é, ele é “a lei como significante unário, S_1 do qual ignoramos a significação”². Segundo Miller, podemos considerar o supereu desde o lugar de $S(A)$, onde a lei do Outro é percebida em sua falha. Lacan indica que essa fenda que se abre no simbólico provém da inexistência da relação sexual.

A divisão do sujeito reflete a abertura do desejo humano apreendido do Outro. Não se confundindo com a necessidade e com a demanda, o desejo, desconhecido ao próprio sujeito – assim como sua causa –, é sempre marcado por um *Che vuoi? Que quieres?* – pergunta que Lacan vai buscar no conto de Cazotte, *O diabo enamorado*, para ilustrar a função disto que retorna do Outro “como o bra-

1 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi. In: *Mental*, n. 50. EFP: Paris, nov. 2024, p. 16, tradução livre.

2 *Ibid.*, p. 21.

mido da forma terrificante que representa o aparecimento do supereu”³. O supereu é uma presença intrusiva, “um corpo estrangeiro no centro do próprio sintoma”⁴ que se apresenta em sua opacidade.

Gulodice estrutural

Dizer que o supereu atesta a divisão do sujeito abre também para a questão do encontro contingente entre corpo e linguagem, e do gozo ali desviado. Aqui, deve-se considerar o que Lacan dirá no final de seu ensino: “O supereu é o imperativo do gozo – Goza!”⁵. Formular assim o supereu traz um paradoxo: “ele equivale exatamente a uma interdição, pois gozar [...] é impossível”⁶. Essa exigência de gozo é o que Lacan chama em *Televisão* de gulodice do supereu: “A gulodice pela qual Freud denotou o supereu é estrutural – não é um efeito da civilização, mas um ‘mal-estar (sintoma) na civilização’”⁷.

Essa gulodice estrutural, Lacan a abordou inicialmente a partir do objeto oral. No *Seminário 4*, ele diz: “Na medida em que a regressão oral ao objeto primitivo de devoração vem compensar a frustração de amor [da mãe como objeto de apelo], essa reação de incorporação dá seu modelo [...] à incorporação de certas palavras dentre outras, que está na origem da formação precoce daquilo a que se chama o supereu”⁸. Segundo Lacadée, nesta passagem encontramos ressonâncias do que Lacan apontou no *Seminário 8* como “a fome do Outro, que se constitui como reflexo da fome do sujeito”⁹. O Outro “não é de modo algum apenas fome, mas fome articulada, fome que demanda. E o sujeito está, dessa maneira, aberto para se tornar objeto, mas, se posso dizer, de uma fome que ele escolhe. A transição se faz da fome ao erotismo [...] por uma gulodice”¹⁰.

No *Seminário 10*, ao acompanharmos as construções sobre as formas que o objeto *a* se manifesta e se liga à constituição do sujeito, vemos como Lacan correlaciona o estágio do objeto oral com o supereu enquanto objeto voz, para afirmar que “não pode haver concepção analítica válida do supereu que se esqueça de que, por sua fase mais profunda, essa é uma das formas do objeto *a*”¹¹. É no vazio da falta de garantia construído pela estrutura do Outro, que “a voz ressoa como distinta das sonoridades, não modulada, mas articulada. [...] é a voz como imperativo”¹² e enquanto incorporada. Lacan diz: “A esse Goza [*Jouis*], só posso responder uma coisa: é *Eu ouço* [*J’ouïs*]”¹³.

Há no ensino de Lacan uma antinomia entre desejo e gozo. O objeto *a* – do qual “o supereu participa [de sua] função”¹⁴ – Miller diz que é um “amboceptor entre desejo e gozo”¹⁵, o que se evidencia pelas duas definições que

3 LACAN, J. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 23-24.

4 MILLER, J.-A. *Clinique du surmoi*. *Op. cit.*, p. 15.

5 LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 11.

6 MILLER, J.-A. *Clinique du surmoi*. *Op. cit.*, p. 18.

7 LACAN, J. *Televisão*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 528.

8 LACAN, J. (1956-1957). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 178.

9 LACADÉE, P. *Le sujet en faute de jouissance*. In: *Mental*, n. 50. *Op. cit.*, p. 166, tradução livre.

10 LACAN, J. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 269.

11 LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 321.

12 *Ibid.*, p. 300.

13 *Ibid.*, p. 91-92.

14 *Ibid.*, p. 119.

15 MILLER, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p.195.

Lacan lhe confere: como causa de desejo e, posteriormente, como mais-de-gozar. Esta segunda tem afinidades com a gulodice do supereu. Como demonstra Freud, renunciar ao gozo da pulsão apenas reforça as exigências do supereu. O mais-de-gozar “é imediatamente apropriado pelo supereu e o nutre”¹⁶ sem barreiras. O sintoma que, por um lado, se apresenta como renúncia ao gozo, por outro, porta um gozo – o que Miller chama de *circuito do supereu*, um “movimento perpétuo, pois o que é produzido é, ao mesmo tempo, o que alimentará o ciclo”¹⁷.

Ceder ao supereu

No *Seminário 7*, Lacan diz: “a única coisa da qual se possa ser culpado [...] é de ter cedido de seu desejo”¹⁸. Uma tese se impõe: ceder de seu desejo é ceder ao supereu.

O supereu é essa instância sádica que faz do sujeito seu próprio carrasco. Se “a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo”¹⁹, Lacan demonstra como na fantasia sádica se sustenta uma “utopia do desejo”²⁰ que se apresenta como vontade de gozo. Sua máxima propõe o direito ao gozo como regra universal; uma vontade implementada por coerção, sem consentimento. Lacan chega a dizer que se trata de um humor presente na função do supereu, instância que traz “a pitada de sal” que faltava para “apurar o sabor da prova kantiana da regra universal”²¹.

Imperativo moral e de gozo são, portanto, enodados. Nesta perspectiva, “o *Tu debes* de Kant é substituído facilmente pela fantasia sadista do gozo erigido em imperativo”²². Se o desejo “não é uma via que se possa avançar sem nada pagar”²³, o que se paga pela satisfação do desejo é o gozo enquanto mais-de-gozar. Lacan subverte a questão colocada pela moral kantiana através da pergunta: *Agiste em conformidade com teu desejo?* Sendo o desejo do analista aquele que “não pode desejar o impossível”²⁴, a ética da psicanálise ensina a levar em conta o desejo, único “bem” a se visar. Portanto, *não ceder de seu desejo* vai contra a exigência, ao empuxo-ao-gozo. Diferentemente do supereu aliado à pulsão de morte que vocifera *Goza!*, o desejo se enuncia nos entreditos, não é um mandamento, mas “efeito do impossível do gozo”²⁵.

Se a condição do desejo está ligada à falta, a angústia aparece quando os objetos não faltam. Não é isso que o ser falante por vezes se depara ao seguir o caminho do supereu? Não há gozo último que apague definitivamente a angústia: goze como puder, “mas como está na civilização da ciência, é necessário que goze mais, é necessário que seja responsável de sua maximização”²⁶. Como Lacan afirma em *Kant com Sade*, o mesmo supereu que conduz ao sofrimento, pode se apresentar como o próprio Bem supremo – que não existe. Nesse sentido, ao não vociferar de forma severa, a voz que comanda pode sugerir ao sujeito o caminho rumo ao suposto Bem, mas que tem como consequência o sacrifício do desejo.

16 MILLER, J.-A. Jogar a partida. In: *Opção lacaniana*, n. 90, out. 2025, p. 16.

17 *Ibid.*, p. 17.

18 LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 373.

19 LACAN, J. Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 785.

20 *Ibid.*, p. 786.

21 *Ibid.*, p. 780.

22 LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 369.

23 *Ibid.*, p. 378.

24 LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 352.

25 MILLER, J.-A. Clinique du surmoi. *Op. cit.*, p. 20.

26 LAURENT, É. Subversão da subversão. In: *Radio Lacan*. Disponível em: <https://www.radiolacan.com/pt/podcast/conferencia-de-eric-laurent-subversao-da-subversao-no-quadro-do-curso-subversao-lacaniana-das-teorias-do-genero-na-ecf/3>.

Os falsos bens

Ao lado da gulodice estrutural do falasser, há a gulodice imposta pelos discursos contemporâneos, consequência da evaporação do pai e da subida ao zênite do objeto *a*. A ascensão do cogito *eu sou o que eu digo*, nos coloca diante de novas versões do que se define como desejo: se é *meu desejo*, logo, é *meu direito*. Uma vez que o desejo é tomado a partir da vontade de gozo, convém dizermos: é *meu gozo* que tenho direito. São novos modos de vida que passam a ser ofertados, novos usos da tecnociência sobre os corpos, reduzindo o ser falante à “sua fabricação como objeto *a*”²⁷.

Para Lacan, a psicanálise não se confunde com “uma disciplina da felicidade”²⁸. A felicidade é um fator de política. O que é novo é a liberdade de desejar. Se essa liberdade “resulta ela querer também que a lei seja livre”²⁹, reconhecer sua máxima de direito ao gozo levaria ao “egoísmo da felicidade”³⁰. Crítica a toda norma, dela se desdobra “uma norma que se coloca como uma espécie de utilitarismo do gozo, que se une ao utilitarismo da civilização da ciência”³¹. Se a psicanálise é o que poderia preservar um espaço que “resiste a toda normalização”³², como localizar isto hoje na clínica?

Se no discurso do capitalismo há um curto-circuito entre o objeto *a* e o sujeito, hoje em dia “o mais-de-gozar não apenas sustenta a realidade do fantasma, como também está prestes a sustentar a realidade como tal”³³. Este discurso, em parceria com a ciência, ao prevalecer e remodelar a estrutura, “abalaram o supremo Bem”³⁴, subjugando o sujeito aos imperativos do mercado – torção que orienta “a busca pelo conforto e pelo prazer no caminho de uma consumação gulosa”³⁵.

Miller nos adverte para o fato que hoje a ideologia dominante promove “um esforço para fazer calar o inconsciente”³⁶ a partir de promessas de segurança, saúde e felicidade. Porém, ignora-se que excluir a escuta ao inconsciente, não impede de engordar o supereu. O que se visa como ordem social é assegurar o bem-estar, ao passo que se transforma o desejo em doença. Miller prossegue: “Este culto da segurança e da saúde é, de fato, uma declaração de guerra à pulsão de morte. Ele visa a nos transformar em soldados, em cruzados, militando pelo bem-estar”³⁷.

Diante desse “devaneio burguês” à “serviço dos bens”³⁸, a inexistência da relação sexual torna inválida qualquer perspectiva de bem-estar. As terapias comportamentais e baseadas em evidências não passam de tentativas de padronizar o desejo e colocá-lo no campo universal dos “falsos bens”³⁹. Se há um direito que o psicanalista faz valer, é o da singularidade, mesmo que abafado pelo discurso dos direitos universais

27 LACAN, J. (1968-1969). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 24.

28 LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 343.

29 LACAN, J. Kant com Sade. *Op. cit.*, p. 797.

30 *Ibid.*, p. 798.

31 LAURENT, É. Subversão da subversão. *Op. cit.*

32 LACAN, J. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. *Op. cit.*, p. 518.

33 MILLER, J.-A. Jogar a partida. *Op. cit.*, p. 21.

34 SOLANO-SUÁREZ, E. S'extraire de la père-version divine. In: *Quarto*, n. 136, abr. 2024, p. 56, tradução livre.

35 *Ibid.*

36 MILLER, J.-A. Fausses promesses du bien-être. In: *La Cause du désir*, n. 121, jan. 2026, p. 12, tradução livre.

37 *Ibid.*, p. 15, tradução livre.

38 LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 355.

39 *Ibid.*, p. 351.

sob a “ordem dos poderes”⁴⁰. Ao não promover nenhum domínio sobre si, através da análise se adquire “a capacidade de dialogar com seu inconsciente, de trabalhar com ele. Aí está o que seriam as verdadeiras promessas da psicanálise”⁴¹.

Quando Lacan afirma que há uma “impotência cada vez maior do homem de se reunir ao seu próprio desejo”⁴², devemos nos perguntar qual seria em nossa época a saída possível para o *fallasser*. Ainda que a indicação de Lacan seja ligada a uma proposta de final de análise, como entender o *não ceder de seu desejo* na época em que o Outro não existe?

O desejo, ainda?

O que se torna o desejo e sua causa no último ensino? Orientado pelo real, Lacan chega ao *não há relação sexual*. No *Seminário 19*, ele diz que “há toda uma ordem que funciona no lugar em que haveria essa relação. É aí, nessa ordem, que alguma coisa é consequente como efeito de linguagem, a saber, o desejo”⁴³. Disso resulta que o desejo passa a ser proveniente da forclusão generalizada. O único desejo que se satisfaz é o desejo de dormir: “Dormir é não ser perturbado. O gozo, no entanto, é perturbador”⁴⁴. Trata-se, por meio do sono, de suspender a relação do sujeito com o gozo do corpo. Quando um corpo tem “acesso ao gozar de si”⁴⁵, ele se machuca, se faz mal. Contudo, Lacan afirma que “é perfeitamente evidente que o desejo, que [...] fica pendurado no mais-de-gozar, nem por isso será posto entre parênteses”⁴⁶. Isso sugere que, se o objeto *a* “é a causa da *Spaltung* do sujeito”⁴⁷, mesmo quando dorme, o sujeito é confrontado com sua divisão. O objeto *a* “é a cicatriz libidinal da hiância forclusiva da não relação”⁴⁸.

Desde essa perspectiva, podemos reler a indicação de Lacan de que a experiência analítica favorece “a função fecunda do desejo como tal”⁴⁹ enquanto o que pode engendrar o novo que se opõe à repetição destruidora do supereu. Na clínica, “o supereu sempre surge de forma contingente, desregulada, vindo revelar ao sujeito a assinatura de seu gozo”⁵⁰, de um real que emerge. O discurso do analista “está em oposição ao movimento perpétuo”⁵¹, fazendo do desejo do analista uma barreira que coloca uma finitude à vontade de gozo.

O encontro com um analista e seu “desejo de obter a diferença absoluta”⁵², torna-se a aposta para apaziguar a gulodice, este ponto insensato onde “a promessa de satisfação hipnótica do desejo encontra as

40 *Ibid.*, p. 368.

41 MILLER, J.-A. *Fausses promesses du bien-être*. *Op. cit.*, p. 14.

42 LACAN, J. *O Triunfo da religião; Discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 17.

43 LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 208.

44 *Ibid.*, p. 209.

45 *Ibid.*

46 *Ibid.*, p. 225.

47 *Ibid.*, p. 226.

48 MONRIBOT, P. *Le doux désir de dormir*. In: *La Cause du désir*, n. 111, jun. 2022, p. 41, tradução livre.

49 LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. *Op. cit.*, p. 13.

50 LACADÉE, P. *Le sujet en faute de jouissance*. *Op. cit.*, p. 169.

51 MILLER, J.-A. *Jogar a partida*. *Op. cit.*, p. 18.

52 LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 260.

vicissitudes do gozo que, ao contrário, despertam o dorminhoco”⁵³. O discurso analítico “nos desperta do sonho de eternidade, assim como do sonho do salvamento pelo intermediário da posse de bens, e libera a via do cômico, isto é, a via do Witz na qual *lalíngua* é pródiga”⁵⁴.

Clínica do gosto

Na atividade de lançamento das XIV Jornadas da EBP-SP, comentei sobre a oportuna coincidência em trabalhar o tema do supereu ao lado do tema proposto para as próximas Jornadas da ECF sobre o *sentimento de vida*. Lacan definiu as condições do vivo a partir do que ele chamou de “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida”⁵⁵. É nesta mesma junção que se atesta a presença da pulsão de morte. O empuxo-à-gozar da vida no contemporâneo, enquanto real, é impossível e fora-de-sentido. Porém, no discurso analítico, “o sentimento de vida avança a passos mais lentos: deixado à contingência dos encontros, ele designa o afeto que atravessa o corpo vivo enquanto não separável [...] do dizer, única via *séria* para fazer a experiência e para fazer uso do seu *gosto de viver*”⁵⁶.

O gosto é aquilo que “resulta de uma escolha ou de uma posição do sujeito ao convocar o registro do gozo no qual a vida é condição”⁵⁷. Este termo, referido à oralidade, pode então ser colocado em relação ao registro pulsional e às diferentes formas que assume o objeto *a*. Para reencontrar os “fragmentos do corpo vivo”⁵⁸ e não *ceder de seu gosto de viver*, Damien Guyonnet, seguindo as indicações de Daniel Roy, nos propõe uma *clínica do gosto* a partir do registro do objeto *a*, ou seja, uma clínica em que se localiza aquilo que “pode (ainda) fazer palpitar o corpo”⁵⁹. O analista é aquele que acolhe a enunciação analisante para então tornar operatório esses pequenos fragmentos de vida que ali se depositam. São construções, invenções, pequenos temperos que podem conduzir a uma solução *sinthomática*.

Nossas Jornadas serão uma ocasião para debater como, em cada caso, através da transferência, a experiência analítica pode oferecer ao *falasser* uma maneira de bordear a gulodice “a seu gosto”⁶⁰, não pelo bem-feito superegóico, mas pelo gosto pela palavra através da ética do bem-dizer.

53 MONRIBOT, P. Le doux désir de dormir. *Op. cit.*, p. 41.

54 SOLANO-SUÁREZ, E. S'extraire de la père-version divine. *Op. cit.*, p. 58.

55 LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. *Op. cit.*, p. 565.

56 ROY, D. Le sentiment de la vie. Disponível em: <https://journees.causefreudienne.org/arguments/>. Tradução livre.

57 GUYONNET, D. Le goût de vivre. Disponível em: <https://journees.causefreudienne.org/le-gout-de-vivre/>. Tradução livre.

58 ROY, D. Le sentiment de la vie. *Op. cit.*

59 GUYONNET, D. Le goût de vivre. *Op. cit.*

60 LACAN, J. Kant com Sade. *Op. cit.*, p. 782.

... ler considerações sobre arte: Still Life e After Party e Canção para ninar menino grande

Natureza-morta e Supereu em Wolfgang Tillmans

Ana Sofia Guerra e Cynthia Gonçalves Gindro
Participantes da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP



Imagem: (Wolfgang Tillmans, Wald (Briol I), 2008. © Wolfgang Tillmans. Wikimedia Commons, licença CC BY-SA 4.0.)

Marie-Hélène Brousse, em uma das conferências reunidas em *Supereu: do Ideal ao Objeto*¹, indica que o artista, assim como o analista, interpreta o inconsciente. Nessa perspectiva, os analistas lacanianos não interpretam a arte, mas procuram dialogar com as interpretações do artista acerca de sua obra. Foi nesse sentido, e ao encontro do tema das próximas XIV Jornadas da Seção São Paulo, que as naturezas-mortas de Wolfgang Tillmans, em especial as obras *Still Life* e *After Party*, nos capturaram com uma pergunta: O que elas podem transmitir sobre o supereu hoje?

À primeira vista, fotografias de garrafas vazias, cinzeiros cheios, embalagens amassadas, restos de comidas e objetos abandonados poderiam provocar absoluto desinteresse. Entretanto, é justamente dessas

1 BROUSSE, M-H. *Superyo: del Ideal al Objeto: Perspectivas políticas, clínicas y éticas*. Córdoba: Babel Editorial. Coleccion Grulla. 2012. Tradução livre.

cenar ordinárias que Tillmans extrai algumas de suas imagens mais contundentes. Ao comentar a retrospectiva *To Look Without Fear*², exposição de Tillmans realizado no MOMA, em Nova Iorque, Peter Schjeldahl afirma, na revista *The New Yorker*, que parece trivial chamá-lo de fotógrafo: trata-se, antes, de “um artista que utiliza a fotografia até quase esgotá-la”³. Em sua obra, aquilo que costuma escapar ao olhar na rotina adquire uma estranha força de captura: somos levados a querer ver o que habitualmente não vemos, ou aquilo que talvez nada queiramos saber.

A natureza-morta tradicional frequentemente comporta a dimensão das *vanitas*: frutas apodrecidas, flores murchas, ainda que em sua iminência, e outros sinais da passagem do tempo apontam para a dimensão da morte, e, muitas vezes, para uma leitura moral da vaidade e da fragilidade dos prazeres mundanos. A natureza-morta contemporânea, por sua vez, vai ao encontro de um movimento próprio à nossa época. Aqui, a sublimação e a idealização são dissociadas, e testemunhamos que, juntamente com os ideais, cai também a barreira do belo⁴.

Enquanto a barreira do belo mantinha o sujeito a certa distância do objeto, a arte podia funcionar como uma “prisão do gozo”⁵, expressão de Jacques-Alain Miller retomada por Brousse⁶. Com a queda dessa barreira, observa-se o “abandono da metáfora”⁷ e uma passagem à literalidade. A obra já não visa necessariamente produzir um efeito de verdade pela via do sentido, mas pode operar como recuperação de gozo: busca-se, então, um efeito que não se deixe absorver pela significação⁸. Nessa torção, o lugar antes ocupado pelo Outro completo, ideal, agora é ocupado pelo objeto-dejeto.

Imersas na arte contemporânea, as imagens de Wolfgang Tillmans manifestam um estranhamento singular diante de cenas absolutamente banais. No início de sua formação, um professor cujo método ele considerava psicanalítico lhe perguntava: “Por que diabos você acha que o mundo precisa de mais imagens?”⁹ e acrescentava que era preciso perguntar a si mesmo: “O que não está aí?”¹⁰. Essa pergunta parece orientar a obra de Tillmans.

Vemos hoje justamente esse deslocamento do objeto olhar. Não é a verdade do artista que a arte contemporânea parece convocar, e sim, o olhar de quem vê explicitamente os objetos expostos ali. Assim como nos esclarece no Eixo 3 das Jornadas:

[...] A arte interpreta o real, não pela via de dar-lhe sentido, mas pela “deslocalização” - do objeto olhar e do olho. A arte contemporânea tenta reduzir o objeto ao real que

2 THE MUSEUM OF MODERN ART (MoMA). *Wolfgang Tillmans: To look without fear*. Nova York, 2022. Disponível em: www.moma.org/calendar/exhibitions/5440.

3 SCHJELDAHL, P. Stilled Life: The photography of Wolfgang Tillmans. *Revista The New Yorker*. 2022. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2022/10/10/the-polymorphous-genius-of-wolfgang-tillmans>. Tradução livre.

4 BROUSSE, M.-H. Quando os Artistas Ensinam os Psicanalistas ou um Tratamento do Mal-Estar na Civilização pela Ironia. In: *Carta de São Paulo*. Boletim da Escola Brasileira de Psicanálise. Conferências Internacionais na EBP-SP 2009. N.3., Ano XVII. Nov. 2010.

5 Cf. MILLER, J.-A. “As prisões do gozo”. *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 54, maio 2009, p. 15-27.

6 BROUSSE, M.-H. *op. cit.*, 2012, p. 75. Tradução livre.

7 *Id.*, 2010, p. 32. Tradução livre.

8 *Ibid.*, p. 33.

9 WITT, E. The Life and Art of Wolfgang Tillmans. *Revista The New Yorker*. 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2018/09/10/the-life-and-art-of-wolfgang-tillmans>. Tradução livre.

10 *Ibid.*

ele é. É uma interpretação pelo real. Não se sabe onde está o olhar e, consequentemente, não se sabe o que se deve ver, o que há para ver, onde está a obra¹¹.

A arte contemporânea, nesse sentido, pode funcionar como uma “armadilha para o olhar”¹², produzindo uma “divisão do espectador”¹³. Em Tillmans esse “o que não está aí”¹⁴ em suas naturezas-mortas parece explicitar que não há nada para além da cena. Como se fossem o desvelamento mesmo da civilização: objetos como restos e o desaparecimento do sujeito. Como sugere Brousse¹⁵, em uma torção sobre o clássico freudiano, é como se o mal-estar fosse a própria civilização.

A pergunta formulada no início da formação de Tillmans, acerca do excesso de imagens no mundo, repercute em seu próprio trabalho. Em muitas de suas obras, há um excesso de objetos organizados em torno de um vazio: utensílios cotidianos que não compõem uma narrativa nem remetem a uma significação última. Uma série de quinquilharias que não representam nada. Nesse ponto, pode-se aproximá-las da incidência do supereu: não porque representem o supereu, mas porque permitem entrever uma repetição do gozo que retorna sempre ao mesmo lugar, no “limite entre representação e não representação”¹⁶. Se, na arte contemporânea, assistimos ao “retorno da angústia à cena da arte”¹⁷, as naturezas-mortas de Tillmans oferecem um prato cheio, um prato cheio de vazio? Não há corpos, mas seus vestígios: a disposição dos objetos, a iluminação e o enquadramento dão indícios de seus modos de uso e, talvez, de seus modos de gozo.

Em Tillmans, os corpos se fazem presentes justamente por sua ausência, sem que a imagem forneça respostas prontas. Se, em *After Party*, os excessos são postos à nu, nos dejetos deixados após a festa, em suas *Still Life*, vemos um café da manhã ainda em curso, frutas e flores à beira da janela ou objetos de uso ordinário. Nada do que aparece é novo: são objetos compartilhados e reconhecíveis, universais, pertencentes à vida cotidiana. Mas a ausência de corpos abre, em torno deles, um espaço que nenhuma acumulação de objetos consegue preencher, um intervalo diante do caráter insaciável do gozo¹⁸. E, na ausência da significação, é onde o imperativo do gozo pode aparecer, nesse lugar opaco do indizível.

Se as obras do artista estão ao encontro do zênite de nossa época, é preciso lembrar que Tillmans é um homem de seu tempo. Profundamente implicado nas transformações políticas de sua geração, aos 57 anos, ele é também produtor de música eletrônica, usa roupas descoladas, e pertence à primeira geração europeia do pós-guerra que pôde circular mais livremente entre países e viver relações homossexuais reconhecidas legalmente. Em 1997, recebeu o diagnóstico de HIV, quando o tratamento retroviral já estava disponível. Sua obra e suas intervenções políticas interrogam continuamente as condições de certas liberdades possíveis. Como afirmou: “Eu sempre estive ciente de que essa liberdade só foi possível porque as pessoas não tinham tanto medo quanto costumavam ter”¹⁹.

11 FERREIRA DA SILVA, R. COSTA DIAS E. Paradoxos do “Gozel!” na Cultura. Eixo III. In: *Boletim 04*. “Tu Deves...” XIV Jornada da EBP Seção São Paulo. 2026. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/wp-content/uploads/2026/08/BOLETIM-04.pdf>

12 BROUSSE, M.-H. *op.cit.*, p. 78. Tradução livre.

13 *Ibid.*

14 WITT, E. *op. Cit.* 2018. Tradução livre.

15 BROUSSE, M.-H. 2012, *op. cit.*

16 TELLES, H. P., BICHARA, P. Manifestações Clínicas Paradigmáticas do Supereu. Eixo I. In: *Boletim 02* “Tu Deves...” XIV Jornada da EBP Seção São Paulo. 2026. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/wp-content/uploads/2026/05/BOLETIM-02-2.pdf>

17 BROUSSE, M.-H. *op. cit.*, 2010, p.30.

18 BASSO, M., SANTOS, N. O., Sato, S. A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo. Eixo II. In: *Boletim 03*. “Tu Deves...” XIV Jornada da EBP Seção São Paulo. 2026. Disponível em: <https://ebp.org.br/sp/wp-content/uploads/2026/06/BOLETIM-03.pdf>

19 WITT, E. *op. cit.*

O declínio dos ideais e dos valores tradicionais, simbolizado na cultura para a geração de Tillmans pela Queda do Muro de Berlim, não foi sem efeito. O artista, um homem alto e com olhos que quase não piscam²⁰ conta que foi embora de Berlim dias antes da queda do muro, e que, caso tivesse sido testemunha ocular, sente que talvez não teria saído nunca da cidade. Para esse homem com olhar atento, foi preciso não ver para poder se ver livre. Mas sua obra não se constitui de uma denúncia moral dos excessos contemporâneos, ela é, antes, um testemunho dos rastros dos corpos movidos pelo gozo. Como lembram Telles e Bichara²¹, retomando Lacan, “habitar a linguagem deixa vestígios, sem essas marcas e esses detritos de linguagem, não há falasser”. Frequentemente expostas sem moldura, “em seu próprio corpo, em sua pura existência”²², as fotografias de Tillmans não passam incólumes. Elas confrontam o espectador com aquilo que não se deixa ordenar pelas oposições entre bem e mal, belo e feio. Diante da queda do véu, o que se revela é o encontro com o impossível de dizer.

Tillmans respondeu ao relativo otimismo de sua geração com imagens que reuniam, segundo ele, “uma única realidade, na qual as pessoas podiam estar felizes tomando Ecstasy, juntas ou festejando num parque e, ao mesmo tempo, ser indivíduos solitários e sérios; poderiam estar sentadas nuas em árvores ou transando em um canto escuro de um banheiro, escutando Moby enquanto deitado ao sol”²³. Essa coexistência reaparece quando afirma: “A coexistência da espiritualidade, do interesse por Krishnamurti, pelos Quakers e por vinte horas passadas no Berghain, sabe, isso não é mutuamente exclusivo”²⁴. Sua obra não opõe simplesmente hedonismo, renúncia e excesso. Ela permite entrever que ambos podem participar de uma mesma economia superegóica: quanto mais o sujeito procura purificar, regular ou dominar o gozo, mais a exigência de gozar retorna.

Essa coexistência e tensão entre liberdade e exigência encontra no Berghain uma figura privilegiada, cujo universo artístico mantém uma proximidade particular com o artista alemão. Berghain é um clube berlinense de música eletrônica conhecido mundialmente pelas festas “undergrounds”. Um espaço de liberdades e excessos, cuja entrada tem uma particularidade que atira os interessados. Há, na porta da casa noturna, o segurança Sven Marquardt, um homem todo tatuado, mundialmente famoso na cena noturna, cujo rosto encontra-se em grafites por toda Berlim. É ele quem autoriza ou proíbe a entrada, rigorosíssima, no espaço. Para entrar no clube, ironicamente, é preciso ter uma espécie de estilo único e underground e ser aprovado, depois da fila quilométrica, pelo olhar de Marquardt. Nas redes sociais, há dicas para conseguir entrar: “Finja que você não está muito afim”, alguns dizem. No interior do clube encontram-se três grandes obras de Tillmans, adquiridas pelos proprietários nos últimos anos.

O declínio das normas tradicionais não elimina, portanto, a injunção: ela pode retornar sob a forma de códigos ainda mais imperativos. É preciso ser único, parecer não querer entrar, saber gozar do modo certo. Mas, quando as luzes acendem no Berghain e a festa termina, o que aparece são os restos. Assim como as naturezas-mortas de Tillmans, não têm uma narrativa, significação, não explicam o que aconteceu nem oferecem qual foi a moral da festa. E mostram, acima de tudo, que, em se tratando de gozo, há imposição, repetição, iteração e que sempre resta alguma coisa...

20 *Ibid.*

21 TELLES, H. P., BICHARA, P., *op. cit.*

22 WITT, E. *op. cit.*

23 *Ibid.*

24 *Ibid.*

O amor como forma de tratamento para o imperativo superegóico

Edgley Duarte de Lima

Participante da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP

“O falo distribui, com efeito, as duas metades da humanidade, mas há o resto, a super-meutade, que é preciso situar para além do falo e que não toma senão mais peso”¹.

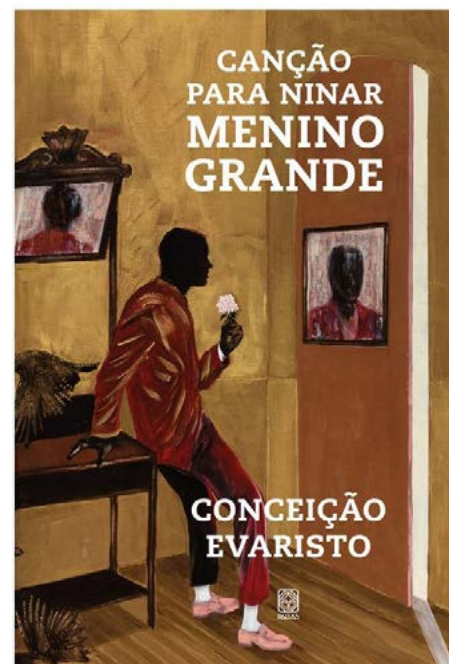


Imagem: Capa do livro *Canção para Ninar Menino Grande* (Ilustração “O Quarto de Fio Jasmim” de Arthur Seabra). Fonte: Evaristo (2018).

Com Lacan, a questão do supereu ganha uma nova chave de interpretação e, consequentemente, uma reorientação clínica fundamental: “Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo de gozo – Goza!”². Para além de ser considerado o herdeiro do Complexo de Édipo em Freud, cuja função é regular a relação do sujeito com a sociedade, a grande subversão lacaniana é desvelar a exigência superegóica como o que empurra o sujeito para um gozo sem limites, que desconhece qualquer lei e/ou regulação. Dito isso, destaca-se uma pergunta: de que forma o amor pode ser tomado, na experiência analítica, como forma de tratamento ao real do gozo, quando este assume a sua face imperativa e encarna a exigência feroz do supereu?

Buscando elucidar essa questão, sem que com isso almeje saturá-la, partirei do livro *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo³, como uma bússola importante para a minha empreitada. Em outras palavras, de que forma essa obra me permite extrair um saber-fazer com o imperativo quando este desvela a sua face mais mortífera, empurrando o sujeito para longe do desejo?

- 1 LAURENT, E. *A psicanálise e as escolhas das mulheres*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 178.
- 2 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 11.
- 3 EVARISTO, C. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

Entre o amor e o gozo, o (a)muro

Em *Canção para ninar menino grande*, Conceição Evaristo narra a história de Fio Jasmim, um maquinista que trabalha em várias cidades e, em cada uma delas, vive encontros casuais com mulheres, quase sempre reduzidos ao sexo, sem que nenhum laço de amor possa ser desenvolvido com profundidade. Na história, Fio é um homem negro que reitera o lugar do galanteador e que, ao seduzir todas as mulheres, contraditoriamente, protege-se do amor e faz par com a solidão. Assim, ao posicionar-se como homem a partir dos signos da virilidade tradicional, torna-se incapaz de acessar e nomear aquilo que é da ordem dos afetos.

Ao mesmo tempo em que não consegue se interessar pelas “coisas do amor”, também não se pergunta sobre o vazio que repousa sobre o seu peito. Aqui, o imperativo do Don Juan escancara a face imperativa do gozo. Assim, ao orientar-se exclusivamente pelo gozo fálico, o sujeito busca recobrir aquilo que, do Outro gozo (não-todo fálico) e sua opacidade, aponta para o próprio desejo.

O amuro, significante introduzido por Lacan⁴, a partir da condensação entre amor e muro, no jogo de homofonia entre os dois termos, pode ser evidenciado na falta de relação com o Outro na dimensão do gozo fálico, posicionado por ele como o gozo sexual por excelência. Lido pelas tábuas da sexuação, as estruturas significantes determinam o parceiro-sintoma como meio de gozo. Do lado masculino, um gozo limitado, localizado, contabilizável e circunscrito no objeto *a*; logo, o parceiro-sintoma do homem toma a forma de fetiche. No lado feminino, por sua vez, por ser não-todo regulado pelo Falo, o gozo é ilimitado e a demanda de amor pode assumir também uma forma infinita, desembocando na devastação.

No *Seminário 20*, Lacan diz que: “O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação dos quem? — dois sexos”⁵. Não seria essa impossibilidade um índice importante do amuro que existe entre os sexos? Para Eliza Alvarenga e Lucíola Macêdo, ao relerem este seminário a partir da orientação de Miller, “o gozo encerra cada um dos dois sexos em si mesmo...não há diálogo entre os sexos”⁶. A relação de Fio Jasmim com as mulheres, nesse caso, parece indicar exatamente onde o amor para ele se coloca também como impossível. Ao se fixar na posição fálica, não é possível, ainda, consentir com a própria impotência — condição para o amor —, revelada no imperativo: “comer todas as mulheres”. Não é exatamente na dimensão da relação com o outro (o Outro sexo) que o desencontro se evidencia?

A propósito, Lacan dirá que o amor é o que faz suplência à relação sexual⁷. Para Miller: “Resta o amor, que Lacan arranca da sua raiz imaginária quando diz que o amor dá a ilusão da relação sexual. Isso é o que faz a distinção, com propriedade, entre o gozo e o amor”⁸. O muro é, portanto, a castração. É aqui que o amor se apresenta como um paradoxo: ao mesmo tempo que fazemos dele um modo de tratamento do gozo, não deixamos de gozar com ele também. Para Ram Mandil⁹, em *O que há de real no amor?*, mesmo que a fala de amor se enderece ao Outro, ainda assim se fala sozinho, pois há algo da demanda do sujeito

4 LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 12.

5 *Ibid.*, p. 13.

6 ALVARENGA, E.; & MACÊDO, L. *Amor & gozo: mais, ainda*. Belo Horizonte: Quixote+DO, 2023, p. 14.

7 Aqui, Lacan formaliza aquilo que ele afirmou no *Seminário, livro 10, a angústia* de que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 197).

8 Miller, J. A. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo* (2011). Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 213.

9 MANDIL, R. *O que há de real no amor?* In: ALVARENGA, E.; MACÊDO, L. (orgs.). *Mutações do laço social: o novo nas parcerias*. Belo Horizonte: EBP-MG, 2021.

e da sua satisfação que é não-toda saturada pelo Outro. Desconhecer a castração, sob a crença de possuir o Falo, não é uma forma de apresentação do supereu em sua condição de imperativo de gozo?

Lembremos que uma das manifestações do supereu tem a ver com os imperativos que vão sendo incorporados pelo sujeito. Trata-se de uma exigência caprichosa, que decorre da insatisfação como resposta à renúncia pulsional e, para Freud¹⁰, aquilo que funda o mal-estar. Para Fio, as mulheres fazem série: Juventina, Neide, Pérola Maria, Angelina, Eleonora etc., com as quais os encontros parecem seguir o mesmo roteiro, uma repetição. Com a primeira delas, Juventina, a narradora destaca:

*Como o pai, Máximo Jasmim, ele repetia que o homem, o macho, nada tinha a perder. Os maquinistas, homens mais velhos, tendo idade inclusive para serem pais do moço, parabenizavam o gosto do rapaz por mulheres. Diziam que o jovem ajudante de maquinista trazia em si algo rijo, inquebrantável como os ferros do trem de ferro. E gargalhavam até se contorcem com as piadinhas insossas que criavam, cuja base provocadora do riso era sempre o duro ferro dos homens a açoitar as mulheres.*¹¹

O traço de repetição escancara a identificação com o pai e com todos os homens que, distanciados do desejo, encarnavam a figura do macho, ou seja, daquele que pode tudo porque não tem nada a perder. Maria do Carmo, no texto de apresentação das XIV Jornadas da EBP SP, esclarece: “Quanto mais severo o supereu, mais guloso, mais ordena gozo”¹². É aqui que o supereu desvela a sua relação com a voz, a partir da incorporação dos ditos do Outro. Para Miller¹³, a voz como objeto *a* não se confunde com o registro sonoro, encerrado no sentido da fala – dimensão *a-fônica* do objeto que, pela via real, opera pelo vazio ou pelo silêncio estrutural da linguagem.

Um tratamento a vociferação do supereu é aquilo que aponta para um dizer, ou seja, uma enunciação que permite o sujeito inventar uma saída para aquilo que itera da repetição. No caso de Fio Jasmim, o amor, na sua dimensão de contingência, só lhe foi possível no encontro com uma amiga, Eleonora Distinta de Sá, mulher lésbica, com quem não desejava se deitar. A narradora nos diz: “a lição de cunho mais severo e doce que Fio Jasmim aprendeu foi com uma mulher. Uma mulher a quem ele nunca cortejou. Com ela, aprendeu que o homem podia, sim, verter em lágrimas suas dores e sua perplexidade diante da vida, diante do mundo”¹⁴.

Podemos dizer que o novo que se abre na relação do personagem com as mulheres tem a ver com o que, no encontro com essa mulher, fez furo nos ditos que comandavam a sua vida ou, mais ainda, com aquela que, fazendo-se exceção, permite que ele se abra a outras formas de relacionamento e de reconhecimento das próprias dores até então silenciadas. Trata-se de um encontro inédito para os dois, que inaugura uma nova forma de amor. É aí que a contingência inscreve um outro modo de relação, como anunciado no seguinte trecho:

No auge da solidão, aceitou a companhia, o afeto de quem ela cria como sendo seu inimigo, ao perceber que ele também guardava a angústia humana. E ele, que das mulheres

10 FREUD, S. O mal-estar na civilização [1930]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI, p. 75-171.

11 EVARISTO, C. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022, p. 20.

12 CARMO, M. ...ler o argumento. Argumento apresentado na Atividade de Lançamento das XIV Jornadas da EBP-SP de 2026. Coordenação: Alessandra Sartorello Pecego. São Paulo, 15.04.2026. p. 17.

13 MILLER, J-A. Jacques Lacan e a voz. In: *Opção lacaniana online*. São Paulo: Eolia, n. 11, 2013, p. 4.

14 EVARISTO, C. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022, p. 130.

*só se interessava pelo prazer que elas poderiam oferecer-lhe, esteve lado a lado com uma, sem querer lhe tomar o corpo. Fio Jasmim, pela primeira vez na vida, talvez tenha percebido que o mais sagrado de uma mulher pode se encontrar para além de seu corpo.*¹⁵

Por último, recorro a uma passagem do testemunho de passe de Marcus André Vieira que, no momento da escrita deste texto, produziu ecos sobre a questão do amor:

*No que diz respeito ao amor, esse impossível prossegue não se escrevendo, afinal, não há cura para o amor - ainda bem. Há, porém, a possibilidade de subversão na vida amorosa, que pode, agora, ser mantida, ao máximo, no diapasão desse gozo que está ali, em ação, gozo do sinthoma, que não tem remédio, nem nunca terá, mas que traz para esse campo, em vez da paixão neurótica da impotência, a santa loucura da improvisação.*¹⁶

Um saber-fazer com o real do gozo, numa passagem que permite deslocar-se do *Bem feito!* como comando superegóico para o *Bem-fazer* com aquilo que permite inventar uma nova saída para o (des) encontro próprio da relação entre os sexos. Nesse caso, uma abertura ao não-todo que pode representar para o falasser um alívio em relação à demanda de potência sustentada na crença de alguns homens no Falo sem furos.

15 *Ibid.*, p. 117.

16 VIEIRA, M. A. *A escrita do silêncio* (voz e letra em uma análise). Rio de Janeiro: Subversos, 2018, p. 115.

... ver filmes

*“A noiva!” [The Bride!] 1 e a voz
de Mary Shelley*

Teresinha N. M. Prado

Membro EBP/AMP

Participante da Comissão de Acolhimento
e Festa das XIV Jornadas da EBP-SP

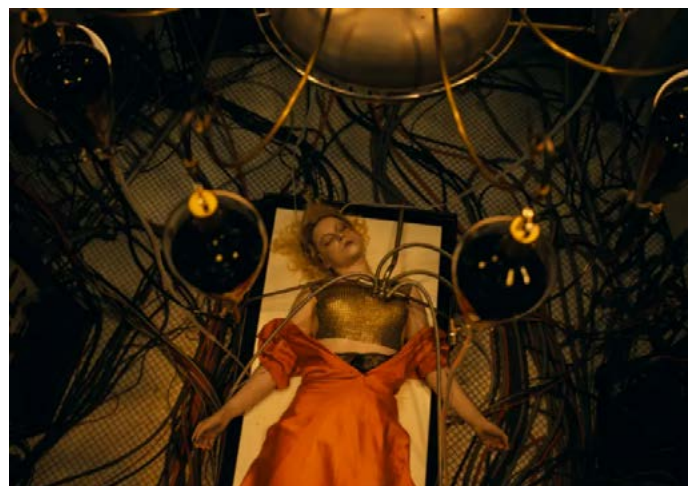


Imagem: (<https://claudia.abril.com.br/wp-content/uploads/2026/03/A-Noiva-1.jpeg?quality=70&strip=info&w=1024>)

Seguindo a proposta temática das Jornadas da EBP deste ano, que girará em torno do supereu e sua condição paradoxal, não pude deixar de pensar no filme “A noiva (The Bride)”, disponível em Streaming.

O filme de 2026, dirigido por Maggie Gyllenhaal, foi circundado por certo mal-estar, que causou o fracasso de bilheteria quando esteve nos cinemas, sob a alegação de que há ali algo de over, mesmo que as pessoas não saibam identificar exatamente do que se trata. Ao dialogar com a versão clássica do mesmo enredo: aquela que resgata em um trecho do romance *Frankenstein* de Mary Shelley, em que a personagem que dá nome ao livro pede ao seu criador que crie para si uma companheira, essa versão ficcional vai além, e dá a ver algo imprevisto.

O filme tem, então, esse enredo de base: Frank (Frankenstein), sentindo-se solitário, pede ajuda a uma cientista para que crie para ele uma companheira. Mas Frank não é o protagonista desse filme. O roteiro transforma a escritora em personagem, em uma espécie de duplo obscuro de Ida, ambas interpretadas pela atriz Jessie Buckley, marcando a conexão entre ambas, mesmo antes da morte de Ida, no início do filme. Ou, para a leitura que pretendo fazer aqui, como se fossem duas instâncias do mesmo sujeito.

1 Disponível em Amazon Prime, HBO MAX, Google play, Apple TV etc.

Normalmente lido por uma perspectiva que destaca as várias mensagens de insubordinação de mulheres que não se contentam com a posição de objeto e buscam reconhecimento, mirando-se na revolta de Ida incitada por Mary, o enredo dá a ver outro cenário: justamente, o ponto que mais chama a atenção é a extrema submissão de Ida a um imperativo de revolta que ela não sabe de onde vem, se apodera de seu corpo e a leva ao pior.

Logo no início do filme, a fúria de Mary Shelley, que deveria libertar Ida do subjugo masculino, acaba por destruí-la, revelando com isso uma paradoxal agressividade mortífera que a sentencia à morte. Ali já aparece o quanto Ida é “falada” por essa voz furiosa e inconsequente que a faz desafiar um gângster, preferindo a morte a ceder às exigências do agressor, algo que permite evocar a dimensão obscena e destrutiva do supereu, que empurra o sujeito ao sacrifício absoluto, sem considerar sua sobrevivência e seu bem-estar, tal como Lacan menciona no *Seminário 7*, acerca de Antígona.

O paradoxal é que o que aparece como a revolta de Mary Shelley, supostamente para “salvar” as mulheres do jugo masculino, marcadamente representado pela figura do gângster que coleciona as línguas de suas vítimas, empurra a sua personagem alter-ego à condição de objeto, impondo-lhe pensamentos, palavras e atitudes que muitas vezes a colocam em risco. Ida é, portanto, transformada em um fantoche vivo por meio do qual a mensagem do Outro irrompe em seu corpo. Ida é objeto de gozo dos homens que a conhecem, e também de Mary, que lhe dá a vida, tira, e devolve, em condições que ela não escolheu.

O fato de a mesma atriz desempenhar o papel das duas personagens acaba por evidenciar a divisão subjetiva do sujeito (Ida/Noiva) e a fúria de Mary, submetendo-a responder de um modo que não a adapta ao mundo, mas retrata o poder de uma agressividade mortífera internalizada. É o que Lacan nos mostra no *Seminário, livro 7*, ao fazer uma leitura tão original do conceito freudiano de supereu, não como uma referência moral ou uma internalização de normas sociais transmitidas pelas figuras parentais, mas resgatando uma vertente obscura que nada tem a ver com tais figuras: revela uma satisfação paradoxal, que não atende ao princípio de prazer, mas a algo além, uma espécie de agressividade voltada contra o eu.

Duas notas sobre a Odisseia de Christopher Nolan

Eduardo Caliendo Marchesan

Participante da Comissão de Acolhimento e Festa das XIV Jornadas da EBP-SP

Com sua bilheteria de mais de 1,3 bilhão de dólares, o filme “A Odisseia” já é um acontecimento, fato que chama a atenção também porque acontecimentos cinematográficos são cada vez mais raros. Quero apontar brevemente uma das razões que parece contribuir para esse acontecimento porque creio que ela alude à própria natureza do cinema como arte. Procuro também, como uma segunda nota, indicar o que o filme faz do poema que lhe serve de inspiração. É de fato a Odisseia que assistimos na tela?

Nolan fez questão de filmar a Odisseia inteiramente em câmeras IMAX de 70 milímetros, algo inédito que trouxe dificuldades de proporções homéricas para a produção. Além do tamanho das câmeras, o barulho ensurdecedor que elas geram obrigou a equipe a inventar caixas que pudessem abafar o som. Isso tornou o manejo das câmeras algo extremamente complexo, além de impedir que os atores se vissem frente a frente sem o auxílio de espelhos. Se esse esforço foi feito em nome da magnitude do projeto e da sua exibição, ele veio aliado ao desejo de evitar a presença de efeitos digitais no filme. Isso não é secundário. O crítico André Bazin¹ apontava que a essência do cinema (sua ontologia) reside na captura mecânica e objetiva da realidade pela câmera. Há aqui a ideia de que a realidade (talvez pudéssemos nos atrever a dizer o real) se ofereceria sem o intermédio da subjetividade. É evidente que o problema é muito mais complexo, mas a questão que se coloca é se o fascínio do cinema passa também por essa ideia da presença, da abertura automática da lente diante daquilo que simplesmente se oferece nu. Os efeitos digitais, em seu uso

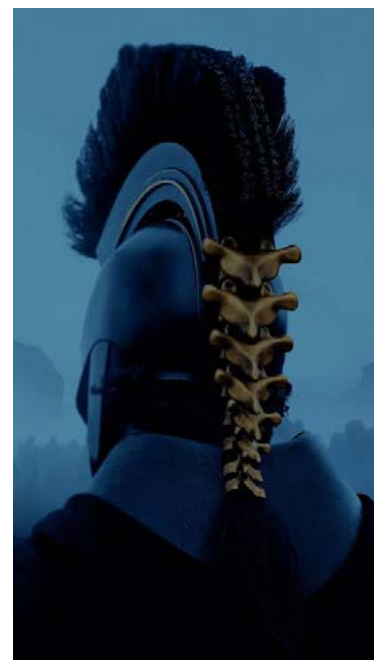


Imagem:(<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRMKumhtAzvHWUJTqRqs6gUxhl-8PVTkyUwRUov55UH4aLTZesan-vXoewfgS&s=10>)

1 BAZIN, A. *O que é o cinema?*. São Paulo: Ubu, 2018.

indiscriminado, apagariam essa dimensão. O marketing do filme baseado nessa ausência de efeitos permite perguntar se o elemento essencialmente cinematográfico não é uma parte do que mobiliza o público.

A despeito de todo esse esforço, o objeto Odisseia parece desaparecer no filme. O canto homérico é um poema sobre o *nóstos*, o retorno ao lar, inscrito em uma tradição épica cuja marca é a exaltação de grandes feitos humanos. Se Odisseu é um herói, é porque é capaz de mobilizar os instrumentos disponíveis, sua resiliência e, em especial, sua astúcia (*métis*) para resistir à ira divina e atingir o *nóstos*². O herói de Nolan assemelha-se mais a um soldado traumatizado pela guerra, atormentado pela ideia de que é ele o monstro invasor (ideologia contemporânea compatível com a culpa com que se depara parte do ocidente). É o que faz com que a helenista Giuliana Ragusa, em diversas entrevistas, se refira ao filme como uma releitura e não uma adaptação. Os episódios da viagem podem estar presentes, mas o mundo e o herói são outros. Assim, é curioso ver no mesmo filme o esforço em capturar a realidade e a perda de vista do objeto.

2 Cf: RAGUSA, G. *A Odisseia de Homero: guia de leitura*. São Paulo: Ubu, 2025.

... se preparar para a Livraria!

Camila Morelli

*Participante da Comissão de Livraria das
XIV Jornadas da EBP-SP*



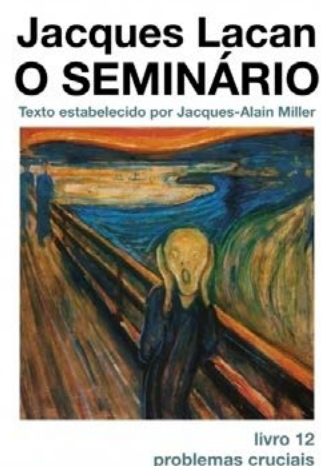
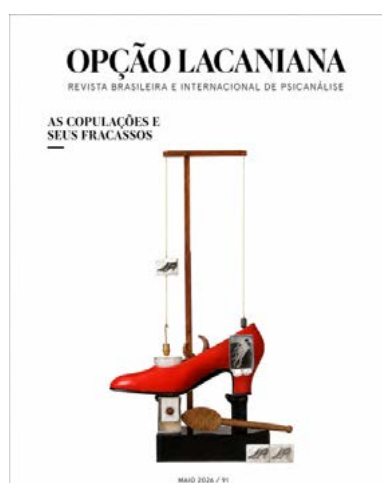
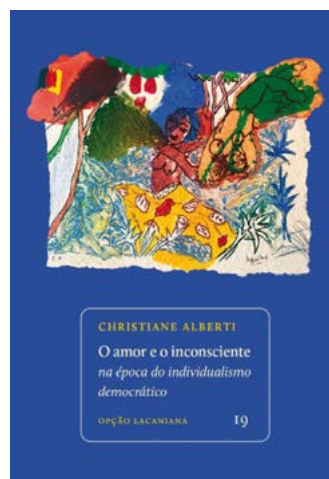
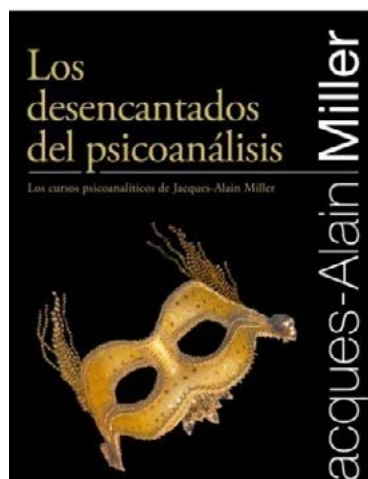
Imagem: (patrick-tomasso-unsplash.com)

Inspirados pelo tema das XIV Jornadas – Bem-feito Supereu!, nós da Comissão de Livraria, nos dedicamos de forma animada na construção de um catálogo de livros e revistas do Campo Freudiano, que possam contemplar tal temática.

Vivemos em tempos de imperativo de gozo, tempos de “tu debes gozar”, tempos em que a singularidade do sujeito corre o risco de ser engolida pelo empuxo ao gozo, onde a segregação mostra a que veio a todo momento. Com um olhar cauteloso nesta direção, foi assim que, na vasta lista que nos deparamos de títulos e autores, fizemos nossa seleção. Pensamos os livros como objetos condensadores de um saber furado, que visa fazer “borda” no mesmo e nos orientar em nossas clínicas.

Estamos ansiosos por este encontro e para colocarmos nosso trabalho em funcionamento.

Veja alguns títulos que estarão disponíveis:



... buscar referências



(imagem: kwherzog-dandelion_pixabay.com)

Para este boletim, a Comissão de Referências Bibliográficas traz novidades, agora para o Eixo 3: “Paradoxos do Goze! na cultura”: a diferenciação que os S1 singulares de um sujeito sofrem dos efeitos do Supereu e os S1 oferecidos pela cultura. Se, de um lado, temos os efeitos *singulares* do Supereu como interpretação do desejo materno, anterior à inscrição ou não do Nome do Pai, que serve como “uma via para uma reorientação do gozo”, conforme abordado nos boletins anteriores. Por outro, trazemos articulações de Jésus Santiago e de Sérgio Laia para localizar como alguns sujeitos se servem dos S1 oferecidos pela cultura e também seus efeitos superegoicos para *a reorientação do gozo* enquanto efeito da evaporação do pai na contemporaneidade.

O discurso do capitalismo e o supereu...

“É exatamente em função das formas civilizatórias compatíveis com a renúncia pulsional que o que Lacan propõe como sua teoria dos discursos encontra lugar. Com efeito, é preciso se perguntar em que medida essa teoria dos discursos apreende o que vem a ser o “trabalho da cultura” (Kulturarbeit) na época do capitalismo e de seus efeitos, nem sempre benéficos para reprodução da vida. Assinala-se ainda que, se, por um lado, o discurso, em suas expressões distintas, implica um modo próprio de renúncia ao gozo, por outro lado ele é também portador de gozo. A esse respeito, Jacques-Alain Miller propõe a existência, no seio do discurso capitalista, um “movimento perpétuo” que se constitui pela lógica própria do supereu no âmbito

desse funcionamento discursivo. Vale dizer que a lógica própria desse movimento perpétuo é não sofrer interrupções por nenhuma barreira, e por isso mesmo deve se nomear o supereu por meio de um circuito contínuo.”¹

“Ao propor o imperativo de gozo – Goza! – no âmago da subjetividade do capitalismo, pode-se [...] problematizar a tese de que o capitalismo seria um discurso na medida em que, ao contrário do discurso do mestre, sua visada ética traz consigo algo que corrói a ação efetiva do trabalho da cultura sobre os seres falantes. No tocante ao discurso capitalista, prevalece nele uma relação de continuidade com o movimento perpétuo do supereu, sendo que, nas formas anteriores do discurso do mestre, erguia-se uma barreira entre o sujeito e o excedente de gozo que se conhece como o objeto *a*. Em suma, para o discurso do mestre, a satisfação do sujeito apenas se sustenta pelo objeto *a*. Na ausência e na dissolução dessas barreiras e limites oriundos do mestre (S1), o movimento perpétuo do supereu capitalista impulsiona formas de sintomas, como é o caso da generalização das condutas aditivas, em que o gozo do sujeito se dá para além ou aquém do aparelho do fantasma.”²

“Ao psicanalista cabe jogar a partida com esse movimento perpétuo, pois o ato analítico inclui também a renúncia - das identificações e da falta-a-ser, que justifica e solicita as novas identificações. Para conter a vontade de gozo própria do movimento perpétuo do supereu, o analista conta com o desejo do analista. O desejo do analista faz obstáculo ao estabelecimento desse circuito contínuo do gozo, na medida em que ele próprio é produto do discurso analítico. O desejo do analista se situa entre os dois elementos da cadeia significante, repartidos por uma barreira (S2//S1), de tal sorte que se tem como produção a diferença absoluta que se traduz pelos significantes da identificação ao sintoma, e não por um retorno ao ponto de partida, o que seria, em última instância, corroborar o movimento perpétuo do supereu.”³

“Referindo-se à “ascensão do objeto *a* ao zênite social”, [...] Miller pôde considerar que, nas desorientações da contemporaneidade, nossa “bússola” seria o objeto *a*. A meu ver, esse é também um modo de localizar a disseminação da psicose em nossos dias, e não só no âmbito das estruturas clínicas, mas como uma espécie de modo de vida, pois [...] Lacan sustentava que, sem contar com uma rodovia pavimentada pelo grande Outro, os psicóticos se norteiam pelas vozes que escutam, ou seja, pela dimensão áfona do objeto *a*, tomando como placas sinalizadoras em caminhos off road.”⁴

1 SANTIAGO, J. “O supereu capitalista”. In: *Opção Lacaniana*, n.91, maio 2026, p.30.

2 Ibidem, p.31.

3 Ibidem, p.31.

4 Ibidem, p.37.

“Porém, essa imposição do *a* ao \$, a orientação contemporânea pelo mais-de-gozar, por mais frenética e perturbadora que seja (tal como se constata, por exemplo, no valor imperioso dos smartphones hoje), não se confunde com que se passa estruturalmente nas psicoses porque tal adesão tem um alcance discursivo, ou seja, não faz laço social.”⁵

“[...] Miller afirma que, ao contrário do que acontecia à época de Freud, “o discurso da civilização não é mais o avesso da psicanálise”, mas seu “sucesso”: a relação entre civilização e psicanálise passa a ser “de convergência” porque “o mais-de-gozar comanda, o sujeito trabalha, as identificações caem... o saber se opõe a mentir e.... a progredir”. Antes mesmo de ressaltar tal convergência, Miller sustenta que “não é absurdo, a priori, que o discurso da civilização hoje tenha a mesma estrutura que o discurso do analista.”⁶

“Qual é a prescrição do supereu? Ela se origina precisamente nesse Pai original mais que mítico, nesse apelo como tal ao gozo puro, isto é, à castração. [...] esse pai no declínio do Édipo [...] diz o que o supereu diz: Goza! [...] É essa a ordem, [...] impossível de satisfazer, e que está, como tal, na origem de tudo o que se elabora sob o termo “consciência moral”, por mais paradoxal que isso lhes possa parecer. [...] no *Eclesiastes*: *Goza com tudo que és*, [...] *Goza com a mulher a quem amas* [...] É o cúmulo do paradoxo, porque é justamente do amá-la que vem o obstáculo.”⁷

“O que distingue o discurso do capitalismo é [...] a *Verwerfung*, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico [...] da castração. Toda ordem, todo discurso aparentado com o capitalismo deixa de lado [...] [as] coisas do amor [...]”⁸

Da **evaporação do pai**, na conjunção e disjunção dos S1 singulares de cada sujeito e os S1 oferecidos pela cultura, Miller nos orienta: a psicose ordinária pode ser tomada como um paradigma para o ponto de emergência da função superegóica em sua relação com o sintoma.

“Lacan diz que, em nossa época, o Nome-do-Pai é o fato de ser nomeado, de ser atribuído a uma função, de ser nomeado para. Atualmente, o Nome-do-Pai é aceder a uma posição social. Constata-se efetivamente que ser membro de uma organização, de uma administração, de um clube pode ser o único princípio do mundo de um psicótico ordinário.”⁹

5 Ibidem, p.38.

6 Ibidem, p.38.

7 LACAN, J. *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1971/2009, p.166.

8 LACAN, J. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., p. 88.

9 MILLER, J-A. “Efeitos de retorno à psicose ordinária”. *Opção lacaniana online*. ano 1, n.3, novembro 2010, p.16. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_3/Efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf

Conjunção e disjunção dos S1

“Nesta clínica que nos põe em face aos fenômenos nos quais não prevalecem nem o ponto de estofo, nem a metáfora, mas sim arranjos instáveis com a livre circulação de gozo, onde as adições de diversos tipos são como o paradigma das manifestações de gozo sem a ‘envoltura formal’ [...] As mesmas manifestações clínicas da neurose, que ainda seguem existindo, ultrapassam o estrito marco do significante para acentuar a dimensão do empuxo ao gozo que o Supereu ordena. [...] o que aparece é uma deriva do gozo que mascara a dimensão do desejo, que continua a estar presente, mas, em segundo lugar, um desejo ao qual o sujeito renuncia, evita ou acentua [...]”¹⁰

A reorientação do gozo

“Revista Agente: Aprendemos com Freud que o supereu condenava o homem do século XIX a defender-se do gozo. Com Lacan, aprendemos que o supereu exigia do homem no século XX que gozasse à exaustão. E no século XXI, o que nos será exigido pelo supereu?

Eric Laurent - [...] Porém, o fato de que todos terão que inventar sua solução particular não deixa de ser um modo de conformismo do mundo atual. ‘Marque-se cada vez mais!’, ‘distinga-se dos outros cada vez mais!’, ‘Seja o empreendedor de ti mesmo, você não é o empreendedor de mais ninguém’. É isso a solução sob medida. E isso é uma variante do supereu que é paradoxal. Ao mesmo tempo em que se exige uma distinção absoluta, isso é feito a partir de um processo que é comum a todos. A experiência subjetiva no século XXI tem que lidar com esse supereu sob medida.

Então, [...] o paradoxo de um laço que contenha, ao mesmo tempo, o múltiplo. E isso é, sem dúvida, uma forma do supereu no século XXI que faz com que cada um vá em direção ao seu mais de gozar sem poder se apoiar nos discursos já existentes.”¹¹

“Em todo caso, dispostos a encontrar fórmulas atuais do Supereu freudiano na publicidade e na psicopatologia da vida cotidiana, temos a do novo imperativo que alimenta hoje essa figura obscena e feroz: ‘Just Do It!’ (‘Faça-o!’) [...] ‘Simplesmente, faça-o!’ nos diz, sem nos dizer realmente, o que é o que se tem que fazer. É nesse novo imperativo que seguramente podemos ler a voz atual do Supereu, uma voz que se alimenta da satisfação pulsional na clínica da passagem ao ato, tanto na intimidade do sofrimento como em sua exposição mais pública (...).”¹²

10 FAJNWAKS, F. *O discurso capitalista e o impossível*. Texto de orientação. Site II Jornada EBP seção nordeste: E o analista em tempos de evaporação do pai? 2022. Disponível em: <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/o-discurso-capitalista-e-o-impossivel/>

11 LAURENT, É. “O Supereu sob medida. Uma entrevista com Eric Laurent sobre a nova ordem simbólica no século XXI”. *Agente nova série - Revista de Psicanálise EBP Bahia*, n. 7. Disponível em: https://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/007/15/001_agente07_entrevista_eric_laurent_port.pdf

12 BASSOLS, M. “A voz do Supereu: Just do It!”. *Ciendigital*, #18, 29 novembro 2018. Disponível em: <https://ciendigital.com.br/index.php/2018/11/29/a-voz-do-supereu-just-do-it/?print=print>

A sublimação e o objeto *a* elevado à dignidade da Coisa

"Sr.X: A fórmula da sublimação que o senhor forneceu é a de elevar o objeto *a* dignidade da Coisa. Essa Coisa não está no início, já que a sublimação vai nos levar a ela [...].Lacan: O esforço de sublimação, o senhor diz que ele tem a finalidade de realizar a Coisa, ou a salvá-la. Isso é verdade, e não é verdade. Há aí uma ilusão." ¹³

"Nas formas especificadas historicamente, socialmente, os elementos *a*, elementos imaginários da fantasia, vem recobrir, engodar o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*." ¹⁴

"Essa estrutura implica, no interior do ato, uma repetição que está ligada ao fato de que é apenas ao retrabalhar a falta de maneira infinitamente repetida que se alcança o limite que confere à obra inteira a sua medida." ¹⁵

"O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer, é nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço.

[Tornar o vazio incômodo de abordar em] manejável por estar envolto pelo continente que cria. E encontra, para fazê-lo, os restos que atestam que o sujeito é apenas efeito de linguagem: nós os promovemos como objetos *a*. Sejam quais forem o número e a forma que os edifica, reconheçamos neles porque a ideia de criatura, por se ater ao sujeito, é anterior a toda e qualquer ficção." ¹⁶

Arte... Escritores Criativos

"Não deveríamos buscar já na infância os primeiros traços de atividade criativa? A ocupação mais querida e mais intensa da criança é a brincadeira. Talvez possamos dizer que toda criança, ao brincar, se comporta como um criador literário, pois constrói para si um mundo próprio, ou, mais exatamente, arranja as coisas de seu mundo numa ordem nova, do seu agrado. Seria errado, portanto, pensar que ela não toma a sério esse mundo; pelo contrário, ela toma sua brincadeira muito a sério, nela gasta grandes montantes de afeto. O oposto da brincadeira não é a seriedade, mas sim — a realidade. Não obstante todo o

13 LACAN, J. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1959-1960/2008, p.163.

14 Ibidem, p. 123.

15 LACAN, Jacques. O seminário, livro 14: a lógica do fantasma. Rio de Janeiro: Zahar, 1966-1967/2024, p.207.

16 LACAN, J. "A lógica da fantasia". In: Outros escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 324.

investimento de afeto, a criança distingue muito bem da realidade o seu mundo de brincadeira, e gosta de basear nas coisas palpáveis e visíveis do mundo real os objetos e situações que imagina. Esse apoio na realidade que distingue o seu “brincar” do “fantasiar”.¹⁷

“Mas aí realidade do mundo imaginário traz consequências importantes para a técnica artística, pois muitas coisas que, sendo reais, não poderiam dar prazer, podem proporcioná-lo no jogo da fantasia, muitas emoções que são dolorosas em si mesmas podem se tornar fonte de fruição para os ouvintes e espectadores do escritor.”¹⁸

A fantasia como realização de desejo

“Pode-se dizer que somente a pessoa insatisfeita fantasia, jamais aquela feliz. Desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias, e cada fantasia é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória.”¹⁹

“[...] quando um escritor nos brinda com suas “peças” ou nos conta aquilo que nos inclinamos a considerar seus devaneios pessoais, sentimos elevado prazer, provavelmente oriundo de muitas fontes. Como o escritor consegue fazer isso é seu segredo mais íntimo; na técnica de superar aquele sentimento de choque, que indubitavelmente está ligado às barreiras que separam cada Eu e os demais é que se acha propriamente a *ars poetica*. Podemos imaginar dois recursos dessa técnica: o escritor atenua o caráter do devaneio egoísta por meio de alterações e ocultamentos e nos cativa pelo ganho de prazer puramente formal, ou seja, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Esse ganho de prazer, que nos é oferecido para possibilitar a libertação de um prazer maior, de fontes psíquicas mais profundas, é denominado *brinde incentivador* ou *prazer preliminar*. A meu ver, todo prazer estético que o escritor nos propicia na apresentação de suas fantasias tem o caráter de um prazer preliminar desse tipo, e autêntica fruição da obra literária vem da libertação de tensões em nossa psique. E talvez contribui para isso, em não pequena medida, o fato de que o escritor nos permite desfrutar nossas próprias fantasias em qualquer recriminação e sem pudor.”²⁰

O passe

O gozo do clandestino e seu parceiro, o supereu:

“A análise prosseguia, e com ela as queixas em relação ao excesso de demandas. A relação estabelecida com essas demandas indicava a presença do super-eu: dedi-

17 FREUD, S. (1908) “O escritor e a fantasia”. In: FREUD, S. *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Grádiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.326-327.

18 Idem.

19 Ibidem, p. 331.

20 Ibidem, p.338.

que-se, exclusivamente, ao seu trabalho. Uma demanda impossível de ser satisfeita, mas renovada a cada instante, e deixando a impressão de que se isto pudesse ser resolvido, minha vida ganharia novo impulso: 'Faire taire te surmoi universitaire', diz o analista ('fazer calar o super-eu universitário'). A ressonância poética da frase indicava uma orientação, que não era nem a de responder, nem a de deixar de responder à demanda do super-eu, mas de silenciar os efeitos dessa demanda sobre mim, para que outra coisa pudesse ser ouvida."²¹

21 MANDIL, R. "Conjunto vazio. (Primeiro testemunho)". In: *Opção Lacaniana*. n. 66, Agosto 2013, p.72.

... abrir essa carta
e aceitar nosso
convite

JORNADA CLÍNICA
XIV JORNADAS DA EBP-SP
16 e 17 outubro 2026



Imagem: philippe-murray-pietsch_unsplash.com

CONVITE

Aos Praticantes da Psicanálise

Caros colegas,

Vimos, em primeira mão, convidá-las(os) a enviar fragmentos ou vinhetas de sua prática clínica para apreciação da Comissão de Orientação das Jornadas, visando à posterior discussão nas Mesas Simultâneas, a serem realizadas no dia 16 de outubro de 2026.

O tema que nos convoca neste ano, o supereu, tem sido tradicionalmente pouco discutido na clínica; nosso objetivo é encontrar seus vestígios, seu funcionamento, os sintomas e as soluções com as quais nos deparamos na prática da psicanálise. O título das Jornadas “Bem-feito, supereu!”, aponta para sua dupla vertente, seus conhecidos malfeitos e o que, na análise e na vida, faz o supereu de bem-feito.

Receberemos os trabalhos até o dia 12/9/2026.

Cordialmente,

Comissão de Orientação
XIV Jornadas da EBP-SP

... propor o
seu trabalho



(imagem: prasongsom-ant_pixabay.com)

Orientações para o envio de trabalhos:

1. Os textos devem ter, no máximo, 5.000 caracteres (com espaços), escritos em

Times New Roman 12, justificados, espaçamento simples, com notas (referências) no fim de página;

2. Colocar no cabeçalho

o título do trabalho, o nome do(a) autor(a), endereço de e-mail e o eixo temático no qual o trabalho se insere;

3. Os textos devem ser enviados

em formato Word, anexado ao e-mail, colocando como assunto:
Bem-feito, supereu! – envio de trabalhos para avaliação/simultâneas

4. Enviar para: trabalhojornadasebpsp@gmail.com

5. Para que o trabalho seja avaliado, é necessário estar inscrito(a) nas Jornadas.

| Não é necessário ser membro da EBP ou associado de algum Instituto;

6. Data limite para envio dos trabalhos: **12/09/2026**;

Eixos temáticos

EIXO 1 – Manifestações clínicas paradigmáticas do SUPEREU

EIXO 2 – A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo

EIXO 3 – Paradoxos do Goze! na cultura

... colocar a voz e o corpo na pista

Festa Cante com Sade!



Imagem: (matthew-lejune-unsplash.com)

Preparamos para o encerramento das XIV Jornadas da EBPSP - Bem-feito, supereu! uma noite de música, boa conversa e sabores — uma celebração da vida que é feita de laço.

Comida de boteco pra acompanhar o papo:

- Amendoim
- Dadinho de tapioca
- Lanche de pernil
- Saladinha

Pratos principais:

- Macarrão ao pesto
- Hambúrguer

Para brindar a presença:

- Whisky Jack Daniels / Chivas Regal 12 anos
- Gin Tônica com Gin Beefeater
- Caipirinhas com 3 frutas da estação:
 - Vodka Absolut
 - Cachaça Seleta / Boazinha / Velho Barreiro
 - Saquê Azuma Kirin
- Cerveja Heineken
- Chopp Artesanal Pilsen
- Água,
- Refrigerantes: Coca-Cola, Coca-Cola zero e Guaraná

Afinal, a dança, o canto e o bom papo nos lembram que o melhor encontro se faz no detalhe, não no excesso.

Quem não deve, também teme! Mas com o copo e a barriga cheia, a neurose passa até mais macia!

 Casa Bartira (Rua Bartira, 625)

 17 de outubro de 2026

 20h às 02h

(Cheguem cedo: tem surpresa às 21h!)

 Valores do ingresso:

- Até 15/09: R\$230,00
- Após 15/09: R\$250,00

 Como pagar (exclusivo via PIX)

- CNPJ: 02.252.068/0001-93 (Escola Brasileira de Psicanálise Seção São Paulo)

- Importante: envio do comprovante PIX para o e-mail festa.jornadas.ebpsp@gmail.com. Você receberá um e-mail de confirmação em breve.

... garantir sua inscrição

Convidamos todos a se inscreverem nas XIV Jornadas da EBP-SP:
Bem-feito, supereu!

Para dúvidas e informações adicionais, entre em contato pelo e-mail
jornadas.ebpsp@gmail.com

Link de inscrição: <https://forms.gle/CfD239rTmwBtg5Y3A>



imagem: alexpee07-hieroglyphs_pixabay.com

... conhecer
a diretoria e
as comissões
organizadoras



imagem: tadeusz-zachwieja_unsplash.com

Diretoria da EBP- Seção São Paulo- 2025-2027

Diretora Geral: Veridiana Marucio

Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbio: Mirmila Musse

Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral

Camila Popadiuk

Comissão de Orientação

Maria do Carmo Dias Batista (coordenação)

Eliane Costa Dias

Heloísa Prado da Silva Telles

Marilsa Basso

Niraldo de Oliveira Santos

Patrícia Bichara

Rômulo Ferreira da Silva

Silvia Sato

Comissão de Divulgação

Maria Julia Swenson (coordenação)

Ana Stela Sande Segue

Clara Ottoni

Fábio Saad

Felipe Bier

Helena Daquanno Testi

Luisa Fromer

Mariana Amado

Comissão de Secretaria e Tesouraria

Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
Francisco Lemes
Renata Alves Fornaciari
Renata Duarte
Janaína de Paula Costa Veríssimo
Bianca Wierman
Katia Ribeiro Nadeau
Hector Trinca Espagnoli

Comissão de Infraestrutura

Andressa Contó Luz (coordenação)
Alan Seabra
Fernanda Gelesko
Layla Thamm
Leandro Verzignassi Nunes
Lilian Beiguelman
Maíra Tumbiolo Tosi
Priscila Tavares Viviani
Renata Perche
Ruth Galvão de Barros
Sara Castro

Comissão de Referências Bibliográficas

Carmen Silvia Cervelatti (coordenação)
Eduardo Vallejos da Rocha
Gabriela Ponte Rodrigues
Izabel Abreu
João Paulo Desconci
Luciana Ernanny Legey
Perpétua Medrado Gonçalves
Siglia Cruz de Sá Leão

Comissão de Boletim

Alessandra Sartorello Pecego (coordenação)
Clarissa Carvalho
Emmanuel Nunes de Melo
Francisco Durante
Gustavo Menezes

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
Patricia Badari
Paula Maia

Comissão de Livraria

Tatiana Vidotti (coordenação)
Camila Morelli
Camilla Baratto
Caroline Silva
Flaviana Pires Oliveira
Lorrany Corrêa
Natália Cassim
Rosangela Turim
Vinícius Tiola

Comissão de Acolhimento e Festa

Élida Biasoli Lenci (coordenação)
Eduardo Caliendo Marchesan
Jefferson Nascimento
Helena Andrade
Fernanda Cristina Gomes de Carvalho
Teresinha Prado
Débora Garcia

Comissão de Arte

Licene Garcia (coordenação)
Ana Maria Almeida Guerra
Ana Sofia Guerra
Carolline Rangel
Cynthia Gindro
Edgley Duarte de Lima
James Valeriano
Milena Vicari Crastelo